

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

Teresinha Queiroz¹

RESUMO: A história da Independência do Brasil tem sido registrada e comemorada ao longo de dois séculos. No Piauí, os textos fundacionais aparecem no século XIX, porém as interpretações mais consistentes foram produzidas no século XX, por historiadores como Abdias Neves, Hermínio Conde, Odilon Nunes, Wilson de Andrade Brandão, Monsenhor Chaves, Bugyja Britto e Claudete Dias, configurando versões e revisões acerca do tema. Este artigo tem como objetivo apresentar as principais obras e os contextos de suas produções, bem como chamar a atenção para as significações diversas dadas ao processo de independência, vivido e visto do Piauí. Chama-se a atenção também para as celebrações que envolvem as distintas datas (19 de outubro, 24 de janeiro e 13 de março) inscritas como as mais relevantes nos anos 1822 e 1823, no decurso do processo separatório.

Palavras-Chave: Independência do Brasil. Independência no Piauí. Historiografia Piauiense.

ABSTRACT: The history of Brazil's Independence has been recorded and celebrated over two centuries. In Piauí, the foundational texts appear in the 19th century; however, the most consistent interpretations were produced in the 20th century, by historians such as Abdias Neves, Hermínio Conde, Odilon Nunes, Wilson de Andrade Brandão, Monsenhor Chaves, Bugyja Britto and Claudete Dias, configuring versions and reviews on the topic. This article aims to present the main works and the contexts of their productions, as well as draw attention to the different meanings given to the Independence process, experienced and seen in Piauí. Attention is also drawn to the celebrations involving the different dates (October, 19th; January, 24th and March, 13th) inscribed as the most relevant in the years 1822 and 1823, during the separation process.

Key words: Independence of Brazil; Independence in Piauí; Piauí historiography.

RESUMEN: La historia de la Independencia de Brasil ha sido registrada y celebrada durante dos siglos. En Piauí, los textos fundacionales aparecen en el siglo XIX; sin embargo, las interpretaciones más consistentes se produjeron en el siglo XX, por historiadores como Abdias Neves, Hermínio Conde, Odilon Nunes, Wilson de Andrade Brandão, Monsenhor Chaves, Bugyja Britto y Claudete Dias, configurando versiones y críticas sobre el tema. Este artículo tiene como objetivo presentar las principales obras y los contextos de sus producciones, así como llamar la atención sobre los diferentes significados dados al proceso de Independencia, vivido y visto en Piauí. También se llama la atención sobre las celebraciones en las diferentes fechas (19 de octubre; 24 de enero y 13 de marzo) inscritas como más relevantes en los años 1822 y 1823, durante el proceso de separación.

Palabras clave: Independencia de Brasil; Independencia en Piauí; Historiografía de Piauí.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br Humana Res, v. 1, n. 5, 2022, . ISSN: 2675-3901 p. 59 à 81, jan. a ago. 2022

A Independência constitui o tema de maior relevância na historiografia piauiense, do qual se derivam centenas de registros. Sobressaem-se três conjuntos de escritos que sinalizam para a maneira como é pensado o evento na história e na memória: uma escrita instituinte, tributária da documentação arquivística, que posiciona, organiza e estabelece os fatos; uma historiografia revisionista que redistribui as glórias; uma historiografia moderna, que se pretende científica, que dialoga com os procedimentos teóricos e metodológicos da área.

O primeiro conjunto evidencia as disputas da época e configura os interesses de cada espaço – o metropolitano, o do Rio de Janeiro, o da Bahia, o do Ceará, o do Piauí, o do Maranhão. No Piauí, realça as comunidades e as câmaras locais. Personagens principais e secundários são colocados no interior das disputas e, nos discursos, as tensões entre o oral e o escrito ainda são bastante visíveis. Preserva-se em seu núcleo e nos argumentos fundamentais, suas teses reproduzidas por autores subsequentes. Recorre à memória dos contemporâneos e aos arquivos locais e regionais, sendo mais consultados os documentos relativos aos eventos de Oeiras (PI), Parnaíba (PI), Caxias (MA), São Luís (MA) e do Crato (CE).²

O segundo conjunto compõe-se de revisões, por ocasião do centenário, dos eventos de 1822-1823. Os aniversários são tempos de rememoração, que, por sua vez, trazem novos olhares sobre os acontecimentos celebrados. No Piauí, como em todo Brasil, produziram-se revisões historiográficas que circularam nas revistas da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, em livros patrocinados pelo governo do Estado e em artigos que alimentaram polêmicas, a exemplo da desenvolvida entre Anísio Brito e Abdias Neves, em 1923.³ Os autores sintonizados com as revisões da historiografia brasileira trazem para os seus textos a questão nacional, então colocada enquanto tensão entre o Norte e o Sul, face ao reordenamento da política, incorporando as disputas culturais e literárias. Na década de 1920, a intensificação dos movimentos regionalistas e as tensões advindas dos desdobramentos da Semana de Arte Moderna têm impacto sobre a historiografia. Este é também o momento da invenção do Nordeste.⁴

² A documentação local e regional foi pesquisada especialmente por José Martins Pereira de Alencastre (1857), Luís Antônio Vieira da Silva (1862) e Francisco Augusto Pereira da Costa (1909).

³ BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves é mero colaborador. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 681, 9 ago. 1923; BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves compilou Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 683, 16 ago. 1923; BRITO, Anísio. Abdias Neves incorrigível compilador de Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 686, 23 ago. 1923; BRITO, Anísio. Abdias Neves correndo com a sela. *O Piauí*. Teresina, ano 34, 30 ago. 1923.

⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Ed. Massangana, 1999.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

Nessa historiografia surgem novas versões em torno do papel das personagens principais e secundárias e acerca da importância das decisões tomadas, atribuindo-se outros significados à participação dos independentes piauienses, cearenses, maranhenses, baianos e pernambucanos na conquista e consolidação da independência nacional. Os autores criticam os silêncios, as limitações e os equívocos dos livros de História do Brasil, relativamente ao tema. As perspectivas revisionistas exacerbam a ideia da história como processo, em tributo ao modelo cientificista vindo do século XIX, construindo-se narrativas fechadas, embora com sentidos conflitantes no conjunto. Na historiografia sobre a independência do Brasil no Piauí, verifica-se reposicionamento de heróis, de mártires, de vencedores e de vencidos. Radicaliza-se em torno da atuação de João José da Cunha Fidié⁵ e do presidente da junta governativa de Oeiras, Manuel de Sousa Martins,⁶ logo após Barão da Parnaíba, que, ao tomar as rédeas do processo histórico dirigindo a adesão à independência, sob o comando do príncipe D. Pedro, favorece a luta pela conquista da unidade nacional. Essas personagens são cada vez mais realçadas,

⁵ Militar português nascido no século XVIII e falecido em Lisboa em 1856. Participou da guerra contra os franceses que invadiram Portugal, forçando a vinda de D. João VI para o Brasil em 1808. Nomeado Comandante de Armas da Província do Piauí em 1822, tinha como missão manter o domínio português na região. Sua participação nas lutas da independência no Piauí e no Maranhão está amplamente documentada e discutida em toda a bibliografia sobre o tema. Deixou uma memória que trata de sua participação nesses eventos, localizada por Hermínio Conde na Secção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Após a queda de Caxias, foi preso e remetido para o Rio de Janeiro e de lá para Portugal. Foi diretor do Colégio Militar de Lisboa e faleceu com a patente de general. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande dicionário histórico-biográfico piauiense: 1549-1997*. Teresina: [s.n.], 1997. p. 144-146.

⁶ Manuel de Sousa Martins nasceu em 1767, na freguesia de Nossa Senhora das Mercês, de Jaicós. Grande proprietário rural, criador e negociante de gado, ocupou diversos empregos públicos e fez carreira militar. Foi nomeado sucessivamente alferes, tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel das milícias do Piauí. Em 1820 atingiu o posto de brigadeiro e entrou para a reserva. Em 1821, como vice-presidente da província, passou a fazer parte da junta do governo provisório que atuou de 21 de outubro de 1821 a 7 de abril de 1822. A 24 de janeiro de 1823 tornou-se presidente da nova junta de governo temporário da província, em decorrência da adesão de Oeiras à independência do Brasil. Teve notável participação no processo de independência no Piauí e no Maranhão. Em 1825 recebeu o título de Barão da Parnaíba e em 1841 foi elevado à dignidade de Visconde. Administrou a província do Piauí de 1823 a 1843, com pequenos interregnos no final dos anos 1820 e início da década de 1830, quando foi substituído por João José Guimarães e Silva (15 de fevereiro de 1829 a 17 de fevereiro de 1831). Faleceu na cidade de Oeiras em 1856. CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*. Teresina: Tipografia d'A Imprensa, 1879, p. 49-52.

enquanto outras passam a figurar como secundários, caso dos independentes de Parnaíba, João Cândido de Deus e Silva⁷ e Simplício Dias da Silva.⁸

O terceiro momento, o da historiografia moderna, agrega historiadores que buscam compreender o evento de maneira científica. Essa produção, iniciada nos anos 1950, torna-se mais visível nas décadas de 1960 e 1970, em virtude das comemorações sesquicentenárias. Pertencem a esse conjunto obras de Odilon Nunes, de Monsenhor Chaves e de Wilson de Andrade Brandão. Nesse momento aparece fortemente a relação entre a escrita e o Estado.⁹ Odilon Nunes em *Pesquisas para a história do Piauí*,¹⁰ de 1966, dialoga com Vieira da Silva, Pereira da Costa e Abdias Neves. Sua escrita sintética procura corrigir teses daqueles autores. *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*, de Monsenhor Chaves, o mais divulgado do conjunto, com quatro edições até 2006,¹¹ resulta de concurso de âmbito nacional promovido pelo governo do Piauí em 1972. Monsenhor Chaves retoma o texto instituinte de Abdias Neves, *A guerra do Fidié*,¹² entretanto confere maior importância aos eventos de Parnaíba e de Campo Maior, com realce para os últimos. Ao contrário de Abdias Neves, cujo enfoque é regional e

⁷ João Cândido de Deus e Silva foi magistrado, professor e político. Nasceu no Pará em 1787 e faleceu no Rio de Janeiro em 1860. Foi juiz de Campo Maior e Parnaíba, notabilizando-se pela contribuição à causa da independência do Brasil, ao fazer, com outros patriotas, o levante da vila da Parnaíba, em 19 de outubro de 1882, proclamando a independência e aclamando D. Pedro I imperador do Brasil. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande dicionário histórico-biográfico piauiense (1549-1997)*. Teresina: [s.n.], 1997. p. 319.

⁸ Simplício Dias da Silva foi proprietário, político e revolucionário, nascido e falecido em Parnaíba (1773-1829). Estudou em Coimbra, Portugal. Retornando ao Brasil, foi muito ativo no processo de independência. Nomeado presidente da província do Piauí, por Carta Imperial de 25 de novembro de 1823, não assumiu o cargo. GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande dicionário histórico-biográfico piauiense (1549-1997)*. Teresina: [s.n.], 1997. p. 328.

⁹ QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006. p. 141-170; MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *História, memória e identidade da batalha do Jenipapo: Campo Maior – PI/1823*. 2007. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

¹⁰ NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966.

¹¹ CHAVES, Joaquim (Pe.). *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina: COMEPI, 1975; CHAVES, Joaquim (Mons.). *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993; CHAVES, Joaquim (Mons.). *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005; CHAVES, Joaquim (Mons.). *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina: FUNDAPI, 2006. (Coleção Independência, 3). As duas últimas edições foram patrocinadas pela Fundação de Apoio Cultural do Piauí (FUNDAPI). O livro foi também inserido nas três edições da *Obra completa*. CHAVES, Mons. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; CHAVES, Mons. *Obra completa*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2005; CHAVES, Mons. *Obra completa*. 3. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2013.

¹² NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Liv. e Tip. Veras, 1907.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

amplo, Monsenhor Chaves reduz o recorte espacial e temático, porém expande os efeitos da batalha do Jenipapo para a dimensão nacional, apontando-lhe novos significados. Na historiografia atual a ênfase é na interpretação da independência no Piauí – especialmente quando se trata da batalha do Jenipapo – enquanto movimento de feição popular.

Uma escrita instituinte

A primeira referência ao processo de independência do Brasil no Piauí aparece em 1857, em *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, de José Martins Pereira de Alencastre, publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB).¹³ Secretário de governo do presidente da província, José Antônio Saraiva, Alencastre, em três páginas, faz a síntese dos acontecimentos. O centro de sua narrativa é João José da Cunha Fidié e os seus deslocamentos na capitania. O percurso de Fidié é registrado desde a sua saída de Oeiras em direção à Parnaíba sublevada na proclamação de 19 de outubro, estabelecendo os fatos a partir de Oeiras, Parnaíba, Piracuruca, Campo Maior, Estanhado (hoje União) e Caxias. Salienta a figura e a personalidade de Manuel de Sousa Martins, caracterizando-o como déspota e definindo sua ação histórica e política como “[...] nada sobre uma página negra”.¹⁴ Daí decorrem variações, prevalecendo, porém, por quase um século, a imagem negativa desse presidente da província.

Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco, no seu *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres*,¹⁵ trata, de maneira direta, de três personagens ligadas à história da

¹³ ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, ano 20, p. 5-164, 1857.

¹⁴ ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1981. p. 68.

¹⁵ CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na província do Piauí*. Teresina: Tip. d’A Imprensa, 1879.

independência – Leonardo de Carvalho Castelo Branco,¹⁶ José Francisco de Miranda Osório¹⁷ e Manuel de Sousa Martins. Destaca-se, nessa escrita, a ênfase à ação patriótica e abnegada de Leonardo, sua participação nos eventos do Norte, a proclamação da independência na vila de Piracuruca, sua atuação em Campo Maior e a tentativa de negociação na vila maranhense de Brejo dos Anapurus, onde foi preso e conduzido para São Luís e, após, para Lisboa. A saga desse independente dá início à sua valorização histórica, que será alimentada por Clodoaldo Freitas em vários de seus artigos sobre o tema, configurando-se aí uma presença constante e, no geral, positivada, na história desses sucessos. Leitura igualmente positiva fez Castelo Branco sobre José Francisco de Miranda Osório, um dos responsáveis pela adesão de Parnaíba em 19 de outubro, atuação vista como arrojada. No que diz respeito a Manuel de Sousa Martins, o autor pouco realça sua participação no movimento, tratando na biografia sobretudo da fortuna particular do governante piauiense e das honrarias de que houve mercê.

Os primeiros textos de Clodoaldo Freitas alusivos à independência são de 1885. A série de três artigos denominada História do Piauí: as lutas da independência,¹⁸ saiu no mesmo período em

¹⁶ Leonardo de Carvalho Castelo Branco nasceu na fazenda Taboca (hoje no município de Esperantina) em 1788. Recebeu educação no seio da família, pois seu pai, Miguel de Carvalho, fora educado no Colégio dos Jesuítas da Bahia. Estudou português, latim, geografia, física e matemática. Participou mais ativamente da política a partir de 1821. No ano seguinte, já tinha forte participação no processo da independência, acompanhando os parnaibanos nas lutas iniciais. Proclamou a independência em Piracuruca e em Campo Maior. Ao apresentar-se no povoado Repartição (MA) para persuadir seus habitantes a proclamar a adesão a D. Pedro, foi capturado e recolhido à cadeia de São Bernardo (MA) e daí enviado para São Luís (MA) e de lá para Lisboa, onde ficou algum tempo na cadeia do Limoeiro. De volta ao Brasil, igualmente participou da Confederação do Equador, sendo agora aprisionado pelo presidente da província do Piauí, Manuel de Sousa Martins. Após essas jornadas da política, instalou-se na Europa por vários anos, ocupado em pesquisas científicas e na produção literária. Faleceu aos 85 anos, em 1873, no sítio Barro Vermelho, hoje no município de Batalha. CASTELO BRANCO, 1879, p. 81-85.

¹⁷ Aos 13 anos incompletos foi encaminhado pelo pai – que era capitão de primeira linha do Exército, para a vida militar. Alferes em 1815, tenente em 1820, capitão em 1823 e em seguida major. Alcançou o posto de tenente-coronel em 1831. Mudou-se de Oeiras, sua terra natal, para Parnaíba, onde se dedicou ao comércio, sendo caixeiro de seu tio e depois sogro Manuel Antônio da Silva Henriques. Envolveu-se na vida política brasileira desde 1817, festejou a constituição portuguesa de 1820 e participou ativamente da proclamação de 19 de outubro em Parnaíba e após, da batalha do Jenipapo. Aderiu, com outros parnaibanos como Simplício Dias da Silva e o juiz João Cândido de Deus e Silva, à Confederação do Equador (1824), motivo pelo qual foi preso em Oeiras. Teve notável participação na repressão à Balaiada no norte da província, onde dirigiu a Coluna do Norte. Foi comandante superior da Guarda Nacional, vice-presidente da província, ocupando o cargo de presidente interino em 1876, deputado à Assembleia Provincial, presidente da câmara municipal de Parnaíba, juiz de paz e delegado de polícia. Nasceu em 1800 e faleceu em 1877 em Parnaíba. CASTELO BRANCO, 1879, p. 93-97.

¹⁸ FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 853, 31 jan. 1885; FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 854, 7 fev. 1885; FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 855, 12 fev. 1885.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

que Francisco Augusto Pereira da Costa também iniciava suas incursões pela história do Piauí.¹⁹ A divulgação ocorria no jornal liberal *A Imprensa*, de que ambos eram redatores. Tomando como referência Luís Antônio Vieira da Silva,²⁰ Clodoaldo trata do contexto político nacional e de diferentes províncias, focalizando, nos planos local e regional, os eventos do Norte do Piauí e do Maranhão até a derrota em Caxias. Seus espaços de observação são Parnaíba, Campo Maior, União e Caxias e os personagens destacados são Fidié e Leonardo de Carvalho Castelo Branco. Piauienses e cearenses enfrentam o chefe português no riacho do Jenipapo e preparam-se para combater no Maranhão ainda sob o domínio português. Enfatiza o combate, a perda da bagagem de Fidié, a reunião dos derrotados e a situação de Campo Maior após a luta. Colore o episódio pedindo meças e honras ao nome piauiense também no Maranhão. Primeiro texto a qualificar a ação piauiense no Jenipapo – heroísmo, patriotismo, coragem, generosidade e “sangue de nossos avós”, são as lições do enfrentamento a Fidié.

No artigo *Um patriota piauiense*, de 1912,²¹ Clodoaldo retoma os seus estudos sobre Leonardo Castelo Branco e corrige o erro em que incorreu nos artigos de 1885, de que Leonardo teria sido fuzilado. Relê Vieira da Silva e tem acesso a cópia da Carta de Sentença e outros documentos relacionados à prisão e à soltura do independente.²² Aqui expressa aquela representação que vai ser propagada na década de 1920, a de Leonardo como “[...] ilustre patriota, o único, afinal, que realmente sofreu pela causa da independência entre nós [...]” e que nada mereceu dos poderes públicos. Em 1923, já define Leonardo como poeta e inventor injustiçado.²³

A guerra do Fidié, de Abdias Neves, é o texto mais celebrado sobre o processo da independência no Piauí. Publicado originalmente no *Almanaque piauiense para o ano de 1905*²⁴

¹⁹ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Uma página de história: o dia 24 de janeiro de 1823. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 852, 25 jan. 1885; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. D. João de Amorim Pereira. *O Telefone*, Teresina, 10 abr. 1885; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Comando das Armas do Piauí. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 862, 11 abr. 1885.

²⁰ SILVA, Luís Antônio Vieira da. *História da independência da província do Maranhão: 1822-1828*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1972.

²¹ FREITAS, Clodoaldo. *Um patriota piauiense*. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n. 6, 1 jun. 1912.

²² FREITAS, 1912.

²³ FREITAS, Clodoaldo. Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, como poeta e como inventor. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 6, p. 25-34, 24 jan. 1923.

²⁴ NEVES, Abdias. *Independência do Piauí: apontos históricos*. *Almanaque piauiense para o ano de 1905*. São Luís: Tip. Teixeira, 1904.

com o título *Independência do Piauí: apontos históricos*, é editado em 1907, trazendo indiscutível fama ao seu autor. Na historiografia piauiense, estabelece os fatos: inicia com a vinda de Fidié e conclui com o regresso das tropas de Caxias, no Maranhão. No geral, o livro foi bem recebido, a despeito da acusação de plágio feita por Anísio Brito em 1923.²⁵ Constrói interlocução com Luís Antônio Vieira da Silva, cuja *História da independência na província do Maranhão*, de 1862, logo se tornou referência para os estudos regionais, o que não significa afirmar que Abdias Neves concorde com as argumentações e conclusões do historiador maranhense. Utiliza documentação oficial relativa aos eventos ocorridos nas províncias do Ceará, do Piauí e do Maranhão, especialmente das duas últimas. A narrativa é conduzida seguindo o teor da correspondência recebida e expedida pela junta de governo em Oeiras, e os comandantes de presídios, por Fidié, pelas cortes no Rio de Janeiro, os comandantes cearenses, Pierre Labatut,²⁶ as câmaras municipais e diversas autoridades provinciais. Intercala à documentação estudada opiniões pessoais sobre as decisões dos atores do evento e críticas contundentes a Fidié e a Sousa Martins. Sua história é contada seguindo a organização e o teor das correspondências, mostrada a partir de cenários diversos: Oeiras, Parnaíba, Campo Maior, Caxias. Abdias Neves minimiza a ação dos cearenses, apresentando-os como verdadeiros bandidos, com o fim de exaltar a atuação das tropas piauienses. Escreve uma epopeia cujos protagonistas são piauienses, cearenses, maranhenses, pernambucanos, alguns baianos que enfrentam portugueses e simpatizantes da causa de Portugal. O livro, do ponto de vista da narrativa, apresenta dois perfis: a primeira parte é sumamente opinativa; a segunda é mais documentada e mostra-se de forma menos parcial. Apareceu primeiro no *Almanaque piauiense*, em 1904, e foi editado em 1907,²⁷ em 1974,²⁸ em 1985,²⁹ e em 2006.³⁰ Trata-se de um dos livros mais valorizados da estante piauiense, é a base de quase todos os estudos acerca do assunto,

²⁵ Cf. nota 2.

²⁶ Militar francês, nasceu em Cannes em 1768 e faleceu em Salvador em 1849. Com a proclamação da independência, ofereceu seus serviços ao governo brasileiro. Foi enviado para a Bahia, onde organizou o exército, comandou e venceu a batalha de Pirajá.

²⁷ NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Liv. e Tip. Veras, 1907.

²⁸ NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

²⁹ NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

³⁰ NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 4. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006. (Coleção Independência, 1).

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

sendo especialmente citado por Francisco Augusto Pereira da Costa,³¹ Odilon Nunes, Monsenhor Chaves e Wilson de Andrade Brandão.³²

Na documentação oficial e na historiografia instituinte há efusão de nomes, porém, ao avançar o século XX, a escrita concentra-se cada vez mais nos eventos de Oeiras e de Campo Maior. A batalha do Jenipapo, seus desdobramentos e seus significados ganham centralidade, redefinindo-se o papel dos personagens e as interpretações acerca dos vencedores e dos vencidos. Ao entrar na história com Vieira da Silva, a batalha aparece com pouco relevo. O autor considera perdedores Fidié, as forças piauienses, as cearenses e as pernambucanas e exponencia os eventos finais em Caxias.

A historiografia revisionista

Na escrita revisionista, o realce primeiro é para Clodoaldo Freitas. Em seus artigos dos anos 1920, é perceptível a mudança na avaliação do papel de Fidié nos sucessos da independência. A inépcia, a covardia e a demonização passam a ser salientados, deslocando-se aquelas nomeações anteriores de bravo guerreiro, de vencedor e de signo do terror. Clodoaldo Freitas apequena Fidié e reduz sua ação como estrategista, chefe, guerreiro e herói, conforme havia posto no século XIX, cuja escrita lhe conferira, ao mesmo tempo, a condição de vencido e de vencedor. Fidié ocupava na história e na imaginação coletiva todas as posições de significado e aparecia tão vencedor, que, mesmo na hora da derrota, a decisão era atribuída a ele, como ocorre no registro de seu abandono do projeto de retorno a Oeiras. No mesmo autor, Manuel de Sousa Martins é considerado um nulo, identificado com tudo o que aconteceu de ruim no Piauí imperial. Observa-se a continuidade de uma tradição vinda do século XIX, que definia politicamente Manuel de Sousa Martins como “[...] um nada sobre uma página negra”, fórmula utilizada por Alencastre, quando inicia a tradição de desqualificar o já Visconde da Parnaíba, que persiste na historiografia revisionista e aponta para os sentidos políticos e para os ódios pessoais e familiares que grassavam na província, ao longo daquele século.

³¹ COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os tempos primitivos até a proclamação da República*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. v. 2.

³² BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História da independência no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1971.

O Fidié,³³ artigo publicado na *Revista da Academia Piauiense de Letras* em 1923, tem como escopo diminuir os feitos do militar português na independência do Piauí e do Maranhão, achando-lhe os erros estratégicos. Centra o seu argumento na “fuga” do governador das armas quando toma a direção do Estanhado e constrói sua imagem de sacrificador de vidas e algoz dos interesses da pátria. Segue as censuras feitas por Abdias Neves e adita-lhe outras. Entretanto, é dos poucos autores a se contrapor a diversos pontos de *A guerra do Fidié*, por exemplo, no que diz respeito à ocorrência de seca no período e à natureza dos caminhos percorridos pelas tropas portuguesas e pelos independentes. Narra toda a movimentação de Fidié, desde a sua partida de Oeiras, até Caxias.

Nesse texto aparece, provavelmente pela primeira vez, a censura aos piauienses, por sua ingratidão em relação à memória da batalha – o episódio e o espaço onde ocorreu são poetizados. As antíteses que dão forma à narrativa constituem as representações que alimentarão tanto a história como a memória dos eventos nas décadas subsequentes, culminando com as escritas e as práticas ao redor do sesquicentenário. Sobre os independentes, categoriza: “[...] patriotas, bravos sertanejos, resistência heroica e desesperada” frente ao inimigo forte e bem armado, com suas tropas preparadas e instruídas. Sobre a vitória de Fidié, agora significada como derrota: “Um general vencedor [...] que perde a bagagem [...] é um general vencido”. A metáfora aqui é da vitória de Pirro. Traça a psicologia do fugitivo Fidié: inepto, ou muito ingênuo ou muito vaidoso, desastrado como militar, deslocou-se para Parnaíba para se pôr em segurança, fugiu para o Estanhado e para Caxias. O episódio do Jenipapo, portanto, não lhe enaltece os apregoados méritos. Dessa forma, em avaliação centenária constrói a imagem do comandante das armas como um nulo e um impulsivo, trazendo as forças do acaso como dimensão da causalidade histórica, para concluir que a vitória nem sempre resulta do gênio militar, que Fidié, na história do Piauí, representa a passagem de um meteoro – “um meteoro maldito”. A ausência de genialidade estratégica em Fidié pode ser vista em seu desleixo – a perda da bagagem de guerra. Quando esse texto foi escrito, Clodoaldo já lera Abdias Neves, Vieira da Silva e Pereira da Costa e faz referências a essas leituras. Com intenções pedagógicas e pragmáticas, faz uso da história para ensinar seus contemporâneos. Para ele, Fidié iludiu seus coevos, mas não iludirá os historiadores. Signo do mal, campeão da morte, deverá viver na história para seu castigo.

³³ FREITAS, Clodoaldo. O Fidié. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano 6, p. 135-146, 24 jan. 1923.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

Em *O nosso mártir: Antônio Maria Caú*,³⁴ também de 1923, Clodoaldo Freitas manifesta a intenção de corrigir os erros dos historiadores que lhe antecederam, considera o movimento da independência do Piauí mal apreciado, realçando ser dever do historiador lembrar os nomes que dirigiram e foram responsáveis pelos fatos. Para ele, alguns poucos indivíduos se apoderaram dos acontecimentos e se impuseram como heróis enquanto os que de fato trabalharam pela independência ficaram no esquecimento. Acusa a história de ter esquecido os anônimos, pobres e obscuros e de apenas lembrar os ricos e os poderosos. Retoma a ideia antes aventada de que uns poucos felizes empolgaram os acontecimentos.

Entre os anônimos e esquecidos, Antônio Maria Caú, herói e mártir – o único. Enquanto Caú, agitador popular inteligente e destemido sofreu duas mortes – a morte na prisão e o esquecimento pela história, Manuel de Sousa Martins, profusamente lembrado, sombreou por 20 anos a história do Piauí com sangue, acidentes políticos e particulares lamentáveis. Caú, um benemérito, porém vencido, não colheu os louros no passado nem as glórias da posteridade. “Ai dos vencidos”, proclama Clodoaldo Freitas, para realçar o peso do vencedor e a obliteração de fama póstuma devida ao vencido. Ao descrever a atuação do brigadeiro, abre forte discordância com Pereira da Costa e Abdias Neves em relação à sua participação na preparação e na proclamação de Oeiras a 24 de janeiro. Para Abdias Neves, Manuel de Sousa Martins aderira ao movimento por vingança, preparando a conspiração silenciosamente e tendo papel preponderante no movimento. Para Clodoaldo Freitas, sua adesão foi de última hora, e decorreu dos conselhos do padre Marcos de Araújo Costa, que o visitara e considerava os fatos consumados. Para Clodoaldo Freitas, Abdias Neves retirou o povo de seu papel histórico e colocou Manuel de Sousa Martins em seu lugar.

Em sequência aos artigos de Clodoaldo Freitas publicados no ensejo das festas centenárias e em que o autor revisita os temas, pondo sob suspeição a historiografia anterior, aparecem com mais intensidade de revisão os ensaios indignados do jovem Hermínio Conde.³⁵

³⁴ FREITAS, Clodoaldo. *O nosso mártir: Antônio Maria Caú*. *O Piauí*, Teresina, ano 34, nº 639, 11 fev. 1923; FREITAS, Clodoaldo. *O nosso mártir: Antônio Maria Caú*. *O Piauí*, Teresina, ano 34, nº 640, 17 fev. 1923, p. 1-2.

³⁵ Médico, professor e historiador, Hermínio de Moraes Brito Conde nasceu em Piracuruca em 1905 e faleceu no Rio de Janeiro em 1964. Formou-se na Faculdade do Rio de Janeiro e especializou-se em Berlim, Paris, Viena e Lisboa. Pesquisador destacado, dedicou sua vida à causa do combate à cegueira. Ainda estudante de medicina, tomou gosto pelas pesquisas históricas especialmente ligadas à temática da independência do Brasil nas províncias do Norte, sempre seduzido por Hipócrates e por Heródoto. Era bisneto do senador Gervásio de Brito Passos e irmão do desembargador Pedro Conde. GONÇALVES, 1997, p. 106.

Hermínio Conde debruçou-se sobre o mesmo problema, abordando-o enquanto dimensão da história nacional e chamando a atenção para o fato de que tão importante evento ainda não havia merecido referência na historiografia brasileira. Publica artigos em jornais cariocas, maranhenses e piauienses, organizados posteriormente na coletânea *Cochrane, falso libertador do Norte!*, editada em São Luís em 1929³⁶ e em Crato (CE), em 1961, com o título *Independência no Nordeste*.³⁷ Seu interesse era o de sugerir a inclusão das lutas piauienses e maranhenses na historiografia e nos livros didáticos de circulação nacional.

Durante a década de 1920, Hermínio Conde produz diversos artigos, tratando da temática da independência, tendo como escopo principal chamar a atenção para a participação do Piauí no processo da independência nacional, colocando em discussão a importância dos episódios sangrentos dessa luta para a manutenção da integridade do território brasileiro e para a ausência do episódio batalha do Jenipapo nos compêndios de História do Brasil – particularmente nos livros didáticos. Publicados em diferentes cidades – como Rio de Janeiro, Teresina e São Luís – fazem parte do que aqui nomeamos *corpus* das revisões centenárias e derivam da inquietação do jovem autor com o quase total silêncio na história acerca da independência do Brasil especialmente no Norte. Ao fazer levantamento da ausência do Piauí e desse episódio em dezenas de livros de historiadores nacionais e em livros didáticos de circulação em todo o país, engaja-se em campanha de sensibilização e de reivindicação pela entrada do combate do Jenipapo como episódio cimentador da unidade nacional.

Escrito em contexto histórico de fortes disputas simbólicas entre o Norte e o Sul e de inegável invenção histórica de um Nordeste economicamente decadente e politicamente fragilizado, transforma em prólogo do livro citações de diversos autores e fontes sobre a nova condição da região como órfã e esquecida do Brasil, portanto, apresentando o Nordeste como um problema nacional, com visibilidade também para os próprios nordestinos.³⁸

A coletânea *Cochrane, falso libertador do Norte!* compõe-se de cinco artigos. Em *Caxias versus Cochrane*,³⁹ Hermínio Conde argumenta que, ao chegar o almirante inglês a São Luís,

³⁶ CONDE, Hermínio. *Cochrane, falso libertador do Norte!* Cinco ensaios históricos sobre a independência no Piauí e no Maranhão. São Luís: Tip. Teixeira, 1929.

³⁷ CONDE, Hermínio. *Independência no Nordeste*. Crato: [s.n.], 1961.

³⁸ Vivendo período de inegável decadência econômica e política, bem como de invenção negativa do Nordeste, Hermínio Conde utiliza epígrafes de várias origens sobre o Norte e seu povo, registra essas tensões emergentes, criando âncora emocional a partir da qual insere em seus artigos a independência do Piauí e do Maranhão como episódio relevante e esquecido na História do Brasil.

³⁹ O interesse principal de Hermínio Conde é o de realçar os equívocos dos historiadores que ele nomeia de “oficiais” no que diz respeito aos episódios, aos trabalhos, aos sacrifícios e às honras e glórias pelo Humana Res, v. 1, n. 5, 2022, . ISSN: 2675-3901 p. 59 à 81, jan. a ago. 2022

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

já nada havia a fazer no Maranhão, cuja liberdade acabara de ser conquistada no morro das Tabocas, em Caxias, estando já vencido o sargento-mor João José da Cunha Fidié, apossado que fora por vários meses pelas tropas de independentes do Piauí, do Ceará, de Pernambuco e do Maranhão. Seu ensejo é o de colaborar, com rigorosa pesquisa, para a preservação da memória dos verdadeiros acontecimentos e dos verdadeiros heróis, esquecidos pela história. O procedimento utilizado por Clodoaldo Freitas contrapondo Antônio Maria Caú a Manuel de Sousa Martins é o mesmo utilizado por Hermínio Conde para realçar a ação dos patriotas independentes e seu tributo de sangue face à inverdade da colaboração de Cochrane para a independência do Maranhão, pondo, portanto, em questão o papel atribuído ao inglês de autor da unidade do Brasil. Busca colocar o Norte e seus esforços e sacrifícios na história nacional, desde que essas ações foram silenciadas pela usurpação do almirante Cochrane. Polêmico, provocador e exaustivamente documentado, o artigo é exemplar de uma história em cólera e de uma revisão radical que busca inverter os signos das interpretações correntes. A exaustiva pesquisa documental desafia a história escrita consolidada e o autor tagarela acerca do silêncio sobre os vencidos.

Em *O livro de Fidié*,⁴⁰ faz referência à localização do livro *Vária fortuna de um soldado português*, publicado por Fidié, em 1850, em Lisboa e até os anos 1920 desconhecido dos historiadores piauienses. Faz resumo circunstanciado dos fatos da independência relatados na memória de Fidié e que são utilizados para correções à escrita da independência no Norte do Brasil. Em 1942, o governo do Piauí edita *O livro de Fidié*, com prefácio de Hermínio Conde.⁴¹ Em *Heróis nortistas no panteon nacional*, Hermínio Conde narra e alegra-se com a descoberta da existência de placa comemorativa alusiva à independência no Piauí e no Maranhão, perpetuando os nomes dos piauienses e cearenses que estiveram no cenário da guerra. A placa encontra-se em espaço do Museu do Ipiranga, em São Paulo e registra os nomes do Visconde

feito da independência nas províncias do Norte. Narrativas sobre a chegada de Thomas Cochrane, as negociações com a Junta em São Luís, a instalação do governo independente e as ações do almirante inglês podem ser vistas em: MEIRELES, Mário Martins. *História da independência no Maranhão*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. p. 107-120.

⁴⁰ O texto foi também publicado em folheto patrocinado pelo governo do Piauí. CONDE, Hermínio. *O livro de Fidié*. Teresina: Tip. d'O Piauí, 1926.

⁴¹ FIDIÉ, João José da Cunha. *Vária fortuna de um soldado português*. Teresina: Arquivo Público e Museu Histórico do Estado do Piauí, 1942. Os leitores atuais dispõem de uma nova edição desse livro. Cf. FIDIÉ, João José da Cunha. *Vária fortuna de um soldado português*. Teresina: FUNDAPI, 2006. (Coleção Independência, 4).

da Parnaíba, José Pereira Filgueiras, Tristão de Alencar Araripe, João Cândido de Deus e Silva e Simplício Dias da Silva.

Em *O espírito de brasilidade e sua ausência nos compêndios históricos*, critica os livros didáticos brasileiros e sua incoerência relativamente às pesquisas históricas, reagindo ao que considera a omissão e o descaso dos historiadores pelos verdadeiros fatos da história nacional. Refere-se particularmente aos compêndios de Joaquim Maria de Lacerda, *Pequena história do Brasil* e à *História do Brasil*, de João Ribeiro, afirmando ter estudado detalhadamente livros de história do Brasil para uso nas escolas primárias e nos ginásios.

Cochrane, falso libertador do Norte!, artigo escrito em 1928, no Rio de Janeiro, e que dá nome à coletânea, faz a defesa da memória dos verdadeiros libertadores, colocando Thomas Cochrane como falso herói, como usurpador das glórias alheias. Consultando farta bibliografia, opõe defensores e detratores do almirante inglês na historiografia brasileira. Avalia as posições de Luís Antônio Vieira da Silva (1862), Euclides da Cunha, Tristão de Alencar Araripe, Rocha Pombo, Barão do Rio Branco, Oliveira Lima, Varnhagen (1876), Dunshee de Abranches, Joaquim Nabuco, Miguel Calmon, Conde Afonso Celso (1922), Oliveira Viana, Francisco Augusto Pereira da Costa (1909), Abdias Neves (1907), Rui Barbosa e Afrânio Peixoto.

As revisões centenárias e muito particularmente as críticas e contundentes interpretações de Clodoaldo Freitas e de Hermínio Conde intentam colocar história e memória de ponta-cabeça, invertendo as posições ocupadas por vencedores e vencidos. Em lugar dos verdadeiros heróis, silenciados e esquecidos, a história e a memória teriam realçado os nomes dos usurpadores dos benefícios no passado e a eles concedido as glórias e o reconhecimento da posteridade. Em Clodoaldo Freitas, a desmitificação de Manuel de Sousa Martins como arauto da independência corresponde à valorização histórica da atuação de Leonardo de Carvalho Castelo Branco e de Antônio Maria Caú. Em Hermínio Conde, os bravos piauienses, cearenses, pernambucanos, baianos e maranhenses, que derramaram fartamente o seu sangue nos campos do Jenipapo e nos morros de Caxias, tiveram seu justo lugar na história ocupado por um inglês mercenário. Nessas revisões, um dos pontos a destacar é a continuidade da crítica ao brigadeiro Sousa Martins, acremente iniciada por Alencastre.

Nos anos 1930 e 1940, tem início um processo de reabilitação histórica do Visconde da Parnaíba, respondendo sobretudo às críticas radicais dos anos 1920. Em 1947, quando foi publicado o livro de Esmaragdo de Freitas, *O Visconde da Parnaíba*,⁴² já estava iniciado o

⁴² FREITAS, Esmaragdo de. *O Visconde de Parnaíba*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1947.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

movimento de sua reabilitação histórica. O que Esmaraldo de Freitas busca é não apenas realizar um balanço das opiniões acerca do governante em diferentes suportes de memória, como afirmar que, mais de cem anos após os fatos de que participou terem ocorrido, ainda não se fizera dele um julgamento sereno.

Esmaraldo de Freitas, com o objetivo acima exposto, compila opiniões sobre esse presidente da província nos principais autores piauienses, historiadores em especial, na memória e nos resquícios de oralidade, no folclore oeiense e na literatura. Elenca as opiniões favoráveis e as desfavoráveis. Considera que o pragmatismo político de Manuel de Sousa Martins ainda não fora compreendido e julgado pela história. Assim como foi encontrado em Hermínio Conde um repertório de citações e considerações sobre o Norte e os nortistas, em Esmaraldo de Freitas há um repertório amplo de opiniões de historiadores, registros de documentos da época da independência e oriundos de polêmicas com outros políticos, bem como o que a memória popular preservou acerca de Manuel de Sousa Martins.

A historiografia moderna

A história da independência em Odilon Nunes consta do segundo volume das *Pesquisas para a história do Piauí*, cuja primeira edição é de 1966,⁴³ resulta, porém, de pesquisas iniciadas nas décadas anteriores, com versão simplificada publicada ainda no final da década de 1950.⁴⁴ Trata-se aqui não só de uma escrita cientificista, como de um texto de tese, que dialoga com Abdias Neves, de cujo roteiro principal é seguidor, mas traz também a intenção de corrigi-lo, bem como corrigir Vieira da Silva, naquilo que os documentos consultados pudessem informar de novo ou de distinto. A narrativa tem como ponto forte a interpretação da proclamação de Parnaíba, inserindo-a no contexto luso-brasileiro, analisando o processo no seu acontecer e não pelo que ocorreu depois. Texto com pretensões à objetividade, nele, o autor evita a mitificação e a detração. Em perspectiva econômico-social e iluminista, utiliza os autores da bibliografia

⁴³ NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966; NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 2; NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. 3. ed. Teresina: FUNDAPI; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. v. 2.

⁴⁴ Durante as décadas de 1940 e 1950, Odilon Nunes pesquisou e escreveu textos a respeito da história do Piauí que foram publicados inicialmente na revista *Econômica Piauiense*. NUNES, Odilon. Independência do Piauí. *Econômica Piauiense*, v. 4, n. 4, p. 253-260, abr./dez. 1960.

piauiense e historiadores brasileiros que tratam do tema da independência, sugerindo que muitas informações constantes nesses autores já não são passíveis de confirmação ou refutação em virtude do extravio de documentos, ao longo do tempo. Foge tanto quanto possível dos ruídos da memória, inclusive, por se tratar de um enfoque que enfatiza os processos gerais da mudança da história. Não confere um lugar privilegiado ao povo. Interpretação de feição cientificista, tentando afastar-se das ideologias e dos partidarismos. Retoma e modifica a publicação inicial da *Econômica Piauiense*.

Monsenhor Chaves, em *Campo Maior luta pela independência*, de 1971,⁴⁵ traz o episódio para dois planos aparentemente conflitantes: ao tempo em que reduz o espaço e o tema, expande os efeitos dos acontecimentos para a dimensão nacional, apontando para os significados da batalha. Realça o contexto antes e depois do evento, mostrando a ebulição e a movimentação dos povos em torno da ideia de independência. Destaca a participação de Lourenço de Araújo Barbosa,⁴⁶ que estaria entre os mais influentes naquelas ações. Enfatiza a tragicidade do episódio, sua dimensão sangrenta, a atuação de Simplício José da Silva⁴⁷ e os desregramentos populares, após a batalha. Reproduz os argumentos de portugueses e de corcundas⁴⁸ para se obstinarem na recusa à adesão a D. Pedro. Mostra todas as classes participando da luta, dirigida pelos cearenses Luís Rodrigues Chaves e João da Costa Alecrim. Monsenhor Chaves empolga-se e se emociona, ao fazer a interpretação desses episódios, no que segue Abdias Neves. Desdobra os eventos citados por aquele autor, documentando e realçando sobretudo os

⁴⁵ CHAVES, Joaquim (Mons.). *Campo Maior luta pela independência: a batalha do Jenipapo*. Teresina: [s.n.], 1971.

⁴⁶ Na fase conspiratória da independência, Lourenço de Araújo Barbosa foi encontrado fabricando pólvora para campanha militar em Campo Maior. Com a instalação do governo provisório, após o 24 de janeiro de 1823, procedeu-se a sumário de culpa contra ele, que já estava preso em Oeiras, acusado de “sedição anárquica” e de “introduzir no povo ignorante [doutrinas] contrárias à honra da Nação e às intenções de S. M. Imperial”, conforme justificativa do juiz de fora da capital. Foi um dos primeiros no Piauí a promover manifestações democráticas e anticoloniais. NUNES, 1975, p. 129-131.

⁴⁷ Militar, viveu em Campo Maior, onde atuou pela causa da independência. Vereador da câmara, foi nomeado comandante interino da vila e de seu termo, com o objetivo de debelar a anarquia que campeava no início de 1823, após a passagem de Leonardo de Carvalho Castelo Branco e a adesão da vila à independência. Participou da batalha do Jenipapo e seguiu depois para o Estanhado em perseguição aos soldados da tropa de Fidié que faziam incursões nas fazendas do Piauí para arrebanhar e conduzir gado para o Maranhão. Reeleito vereador em dezembro de 1823, no tempo em que foi promovido de capitão para tenente-coronel. Organizou o batalhão de milícias nº 5, de que se tomou comandante. Foi um dos responsáveis pela contenção das desordens em Campo Maior antes e depois do 13 de março. CHAVES, Joaquim (Mons.). *Apontamentos biográficos e outros*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 41-44.

⁴⁸ Corcundas era a denominação que recebiam os detentores de maiores posses.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUINTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

episódios do Norte da província e de Campo Maior. Privilegia os eventos cotidianos, trágicos e populares, inclusive os mais sangrentos. Trata-se de uma história que realça a participação popular na batalha, seguramente uma das primeiras com esse feito.

*O Piauí nas lutas da independência do Brasil*⁴⁹ é o livro da predileção de Monsenhor Chaves e nasceu de sentimento de indignação do autor diante da imponência de monumentos como o do Ipiranga, em São Paulo, ao constatar que o Piauí se tinha doado muito mais pela independência que as outras províncias, sem que houvesse o reconhecimento nacional desse fato. Considerava esse o seu livro mais significativo e, ao justificar sua escrita, afirma: “[...] era preciso sanar uma injustiça histórica e destruir o véu de silêncio propositadamente levantado sobre a batalha do Jenipapo e a garra dos piauienses nas lutas pela independência do Brasil”.⁵⁰ Com esse livro, Monsenhor Chaves filia-se à tradição historiográfica piauiense, que, ao longo do século XX, realçou a temática da independência e em que se sobressaíram Abdias Neves, Odilon Nunes e Wilson de Andrade Brandão.

O livro é centrado na ação de vaqueiros, roceiros e das pessoas comuns diretamente envolvidas na batalha do Jenipapo, realçando a participação popular e trazendo aquele episódio dramático para a história do Brasil. Como toda a bibliografia sobre a independência do Piauí, reacende as dores da sociedade local, vindas ainda do século XIX, e que se manifestam nas interpretações que valorizam ora os eventos ligados a Parnaíba, ora os de Campo Maior, ora os de Oeiras. Estas diferentes interpretações têm gerado polêmicas que alimentam a historiografia piauiense, desde os seus inícios e revelado as feridas não cicatrizadas de nossa formação sociopolítica. No caso desse livro, a orelha inserida na primeira edição, da lavra do jornalista Deoclécio Dantas, é bem um desses sintomas.⁵¹

Igualmente compondo o conjunto da produção historiográfica moderna, de feição cientificista, *História da Independência no Piauí*, de Wilson de Andrade Brandão, publicado em 1971 e produzido no ensejo das comemorações sesquicentenárias, é o estudo mais completo sobre o

⁴⁹ CHAVES, Joaquim. *O Piauí nas lutas da independência do Brasil*. Teresina: COMEPI, 1975.

⁵⁰ CHAVES apud SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. A propósito de uma Apresentação. In: CHAVES, Joaquim (Mons.). *Apontamentos biográficos e outros*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 6-7.

⁵¹ Premiado pelo governo estadual em concurso promovido na ocasião das festas alusivas ao sesquicentenário da independência, teve sua publicação suspensa em virtude de conteúdos relacionados ao 19 de outubro que teriam desagradado ao governador Alberto Silva e ao seu secretário de governo Armando Madeira Basto. DANTAS, Deoclécio. Orelha à primeira edição. In: CHAVES, 1975.

tema e se distingue por colocar em relevo a cultura política das elites no Brasil no início do século XIX, bem como por afirmar a generalização das ideias liberais, com o que destaca a presença política do povo nesse processo. Analisa o lugar estratégico ocupado pela província do Piauí no espaço nacional, a natureza das comunicações no período, as vias e caminhos que marcavam e cruzavam o Piauí, fazendo-o ponto de ligação entre os antigos estados do Brasil e do Maranhão, portanto, chamando a atenção para as comunicações e para a divulgação das notícias coloniais e portuguesas na interlândia piauiense. Estuda o juiz de Parnaíba João Cândido de Deus e Silva do ponto de vista de suas ideias políticas, fazendo o mesmo em relação ao brigadeiro Manuel de Sousa Martins. Trata-se de uma narrativa que incorpora a análise da situação da província após as lutas. Dialoga amplamente com outros historiadores e enfatiza particularmente o contexto político e ideológico. Usa intensivamente Abdias Neves, assim como já o fizera Odilon Nunes. Ao avaliar o papel de Manuel de Sousa Martins, agora visto em cenário mais amplo, considera as forças políticas em desenvolvimento e a natureza dessas relações à luz das ideias da época. O brigadeiro é pensado a partir de seu “gênio político”, porém no sentido de engenho, de inteligência para a ação. Wilson de Andrade Brandão também dá realce às personagens que participaram do processo enquanto subvertedores da ordem – em Campo Maior – Lourenço de Araújo Barbosa e em Oeiras coloca Manuel de Sousa Martins nessa categoria.

Antônio Bugyja de Sousa Britto, em *O Piauí e a unidade nacional*,⁵² de 1976, condensa, no título mesmo do ensaio escrito para festejar o sesquicentenário, o argumento mais desenvolvido na história vivida, na memória e na historiografia para significar a pertinência e o relevo das lutas pela independência no Piauí e no Maranhão. Esse argumento da construção da unidade nacional, ao que parece, foi utilizado pela primeira vez na correspondência oficial das juntas governativas das províncias do Piauí e do Maranhão para Lisboa, para reforçar os pedidos de apoio à manutenção das forças metropolitanas e simpatizantes sob o domínio luso. Invertido de seu sentido original relacionado ao “mantenha-se, mantenha-se”, que teria sido a recomendação de D. João VI a Fidié em sua precipitada vinda para o Brasil,⁵³ a ideia foi veiculada amplamente

⁵² BRITTO, [Antônio] Bugyja [de Sousa]. *O Piauí e a unidade nacional*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1976. Dispõe-se de nova edição do livro: BRITTO, [Antônio] Bugyja [de Sousa]. *O Piauí e a unidade nacional*. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de; SANTOS, Cineas (Org.). *O Piauí e a unidade nacional*. Teresina: FUNDAPI, 2007. (Coleção Independência, 5).

⁵³ “Mantenha-se, mantenha-se”, teria dito D. João VI a Fidié quando o incumbiu de defender as posições portuguesas no Norte de sua quase libertada colônia, em 1821. Fidié saíra de Portugal quase que só com a roupa do corpo, conforme afirma em seu *Vária fortuna de um soldado português*, de 1850. Toda a sua figuração nas capitânicas do Piauí e do Maranhão tem o ensejo de bem realizar a missão de preservar sob Humana Res, v. 1, n. 5, 2022, . ISSN: 2675-3901 p. 59 à 81, jan. a ago. 2022

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

em proclamações, em livros e em documentos oficiais diversos, evidenciando a compreensão política dos contemporâneos a esses sucessos. A ideia ganha força, entretanto, nos anos 1920, com a vinda para a cena historiográfica dos personagens até aí vistos como secundários e com a louvação de seus sofrimentos e a rememoração de seus martírios em prol da causa que agora é dita da pátria. Associa-se também à noção do não reconhecimento, pelo Sul do país, do verdadeiro lugar ocupado pelas províncias do Norte na formação simbólica e territorial do país. Nos festejos sesquicentenários, já se tornara ideia-força muito importante, dando centralidade à obra de Monsenhor Chaves, ao ensaio de Bugyja Britto, e igualmente ao alentado volume de Wilson de Andrade Brandão. Todas essas pesquisas fazem parte dos esforços comemorativos que se instituíram sob o patrocínio e com a emulação do governo estadual a partir de 1971, com isso corroborando a existência e o vigor de um sentimento difuso que começava a ser capitalizado especialmente ao redor do episódio batalha do Jenipapo e na valorização de seus heróis guerreiros – os vaqueiros e os roceiros.

No caso do livro de Bugyja Britto, trata-se de ensaio bibliográfico, com consulta exaustiva aos autores piauienses e que defende, à luz dos demais autores, a tese da unidade nacional e de sua conquista nos campos do Jenipapo. A tese, reconhece o autor, não é original. Escrito no Rio de Janeiro em 1973, a primeira edição é de 1976.

Em 1932, Hermínio Conde já tratara do assunto em congresso de história promovido pelo Instituto Pan-americano de Geografia e História, no Rio de Janeiro, ocasião em que representou o Instituto Histórico e Geográfico Piauiense (IHGP), a Academia Piauiense de Letras (APL) e o Cenáculo Piauiense de Letras. Discorreu sobre o tema Fidié e a unidade do Brasil. O texto posteriormente foi publicado como estudo introdutório ao *Vária fortuna de um soldado português*, de João José da Cunha Fidié, editado pelo governo do Piauí em 1942.⁵⁴

Na historiografia moderna, o centro da discussão não é mais o embate entre Manuel de Sousa Martins e João José da Cunha Fidié, como na geração do centenário, e sim a batalha vista enquanto evento político, com participação do povo e responsável pela unidade nacional. O 13

o domínio português essa parcela do território colonial, cujos interesses e relações – remarcavam os defensores da causa portuguesa – eram mais próximas e mais proveitosas para ambas as circunscrições, desde que as relações econômicas e políticas com o distante sul do Brasil eram bem mais esporádicas e frágeis. Desse “mantenha-se” e de seus argumentos decorre o discurso dos independentes de que a liga da unidade nacional se amalgamou vencendo esses obstáculos da distância, da indiferença e mesmo da ausência de grandes interesses em comum entre o Norte e o Sul.

⁵⁴ FIDIÉ, João José da Cunha. *Vária fortuna de um soldado português*. Teresina: Arquivo Público e Museu Histórico do Estado do Piauí, 1942.

de março surge como data preñhe de novos e múltiplos significados. A participação popular torna-se objeto de investigação e, enquanto o povo, no contexto da ditadura civil-militar, saía da cena política real era buscado na história e realçado na historiografia. As preocupações com o social e com o popular conferem historicidade à experiência das pessoas comuns, aos anônimos da história. A mediação do Estado toma a forma de patrocínio direto ou indireto das obras e das comemorações. O Estado procura tornar-se senhor do passado e interfere na memória.

Essa vocação do tema para um tratamento historiográfico nas instituições acadêmicas e científicas é retomada por Claudete Dias em 1999, ao defender tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sobre o processo de independência do Piauí.⁵⁵ Desenvolvida seguindo o paradigma da História Social Inglesa, dialoga com George Rudé, Eric Hobsbawm e Christopher Hill. A autora explora a documentação primária, exaustivamente consultada no Piauí e no Rio de Janeiro, à luz dos clássicos da historiografia sobre o tema. A ênfase do texto está colocada na participação popular na batalha do Jenipapo. Nos anos 2000, o tema da independência motivou a elaboração de monografias de final de curso, entre elas as de Iara Conceição Guerra de Miranda Moura, defendida em 2007,⁵⁶ e de Francisco Vieira de Sousa Júnior em 2010.⁵⁷

A luta pelo reconhecimento da batalha do Jenipapo e as polêmicas em torno do Dia do Piauí

A movimentação em torno do reconhecimento das lutas de independência no Piauí em cenário nacional e o vigor, em anos recentes, das festas celebrativas da batalha do Jenipapo, não decorrem apenas do interesse oficial de constituir uma simbologia nacional e legitimá-la, nem têm o sentido apenas de inventar uma identidade popular para os eventos da independência, ao sabor da conjuntura política e em sintonia com os seus discursos identitários. A luta pelo

⁵⁵ DIAS, Claudete Maria Miranda. *O outro lado da história: o processo de independência no Brasil visto pelas lutas no Piauí: 1789-1850*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.

⁵⁶ MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *História, memória e identidade da batalha do Jenipapo*: Campo Maior – PI/1823. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

⁵⁷ SOUSA JÚNIOR, Francisco Vieira de. *Das lutas pela memória: a reinvenção da batalha do Jenipapo na década de 1970*. 2010. Monografia. (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2010.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

reconhecimento do lugar histórico da batalha foi igualmente realizada por pessoas comuns, e por estudantes de Campo Maior, que, no jornal *A Luta*, divulgaram, por muito tempo, esse evento.

Em 1922, no calor das comemorações centenárias brasileiras pela independência, foi construído um obelisco no lugar Batalhão. Nos anos 1970, intensificam-se as manifestações públicas e privadas celebrativas do evento. Em 1973, o governador Alberto Silva inaugura solenemente o Monumento do Jenipapo, ocasião em que é realizada dramatização da batalha. Em 1974, o mesmo governador entrega à comunidade piauiense o Museu do Jenipapo. Em seus discursos, que reforçam as comemorações, encontram-se os principais argumentos da historiografia que justificam a importância do episódio ali ocorrido. Em 1976, o então deputado federal Gerson Camata projeta, através da EMBRAFILME, levar o evento para as telas de cinema. Enquanto isso, em Campo Maior, alunos de escolas e pessoas do povo fazem peregrinação ao cemitério para pagar promessas, acendendo velas e fazendo orações no velho cruzeiro lá existente.

A partir dos anos 1990 a batalha do Jenipapo já aparece conduzindo a escrita sobre a independência, especialmente aquela voltada para o público geral e para os estudantes das escolas elementares e secundárias. A batalha busca o reconhecimento e também o mercado consumidor de livros – especialmente paradidáticos. Inserem-se nessa nova escrita pelo menos dois relativos sucessos editoriais. O livro de Adrião Neto – *A epopeia do Jenipapo*⁵⁸ – editado em 2005, sintetiza os episódios e traz prefácio de Elmar Carvalho, que faz circunstanciado balanço da historiografia de Campo Maior. Insere-se no movimento de valorização do 13 de março, desde que o é um dos responsáveis pela campanha de colocação daquela data na bandeira do Piauí. Traz parte da polêmica então desenvolvida sobre o Dia do Piauí. Adrião Neto responde a críticas e posições de Renato Bacelar, de Parnaíba. Outro livro com essa nova feição é o de Francisco Castro.⁵⁹

As polêmicas sobre o Dia do Piauí vêm acompanhando toda a história do movimento da independência com as disputas pela prevalência dos dias 19 de outubro, 24 de janeiro e 13 de março. Ao tempo em que essas datas se articulam aos interesses políticos e às interpretações favoráveis ao relevo às ações de Parnaíba, Oeiras e Campo Maior, as disputas simbólicas mostram igualmente as modificações no campo geral da historiografia e sua oscilação em torno ora da centralidade do Estado e das instituições públicas como fadoras da história, ora da

⁵⁸ NETO, Adrião. *A epopeia do Jenipapo*. Teresina: Edições Geração 70, 2005.

⁵⁹ CASTRO, Francisco. *A guerra do Jenipapo*. São Paulo: FTD, 2002.

participação popular. A partir dos anos 1970, as comemorações do 13 de março e as festas em Campo Maior põem em evidência as lutas do Jenipapo, o que propicia não só o interesse cada vez maior em torno daquele evento, como igualmente alimentam as polêmicas em torno das aludidas datas. Os partidários dos diferentes Dias do Piauí organizam-se e tomam deliberações concretas na defesa de suas convicções. Exemplo nesse sentido é o do documento elaborado por notáveis historiadores partidários da mudança do Dia do Piauí, oficializado como o 19 de outubro, para o dia 24 de janeiro, data da adesão da junta governativa de Oeiras à proclamação de D. Pedro. Em documento dirigido ao governador Lucídio Portella Nunes, datado de 5 de novembro de 1979, Odilon Nunes, Monsenhor Chaves, Wilson de Andrade Brandão e A. Tito Filho, relator do documento, tecem justificativas para que seja solenizado, oficializado e restabelecido o Dia do Piauí a 24 de janeiro, como o fora no passado. Os signatários trazem outros historiadores à colação, como provas ao argumento da maior relevância das ações do 24 de janeiro: Francisco Augusto Pereira da Costa, Cristino Castelo Branco, Monsenhor Chaves, João Cândido de Deus e Silva, Simplício Dias da Silva, Wilson de Andrade Brandão, Expedito Resende e Odilon Nunes.

Considerações finais

A temática da independência atravessa fortemente as subjetividades dos piauienses, o que pode ser visto também na literatura. Renato Castelo Branco, em *O rio da liberdade*,⁶⁰ de 1982, transforma em romance a saga dos independentes e a de Fidié; Expedito Rego, com *Né de Sousa*,⁶¹ de 1981, cuja segunda edição recebe o título *Vaqueiro e Visconde*,⁶² poetiza a vida de Sousa Martins. A imaginação dos piauienses transforma a batalha do Jenipapo em contos, romances, poemas, peças teatrais, cinema. Centenas de artigos alimentam jornais e revistas e essa grande produção escrita sinaliza para as disputas políticas centenárias nos âmbitos estadual e municipal. Impossível compreender a historiografia da independência no Piauí sem ter em conta essas disputas por espaços simbólicos.

De combate e confronto de forças adversas em que os independentes são dispersos e desbaratados para as interpretações atuais em que a dimensão epopeica do evento é reiterada e

⁶⁰ CASTELO BRANCO, Renato. *Rio da liberdade*. Rio de Janeiro: L. R. Editores, 1982.

⁶¹ RÊGO, José Expedito. *Né de Sousa: biografia romanceada do Visconde da Parnaíba*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1981.

⁶² RÊGO, José Expedito. *Vaqueiro e Visconde*. 2. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ: DAS ESCRITAS INSTITUENTES AOS REVISIONISMOS, DAS VERSÕES MODERNAS ÀS CELEBRAÇÕES

difundida em práticas sociais e em diferentes suportes, o evento maior da independência no Piauí é cada vez mais festejado.

A história da independência no Piauí é representada e significada na estatuária, na pintura, bem como em monumentos, memoriais, museus, peças teatrais, festas escolares, concursos de monografias, visitas monitoradas ao local da batalha, festividades oficiais no município de Campo Maior, romarias e promessas, filmes, concessão de medalhas, diplomas e outras honrarias. Tem sido objeto de teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias de final de curso de graduação, artigos científicos, textos literários, poesia, textos de divulgação, folders e livros paradidáticos. Além disso, motivou solenidades no Congresso Nacional, nomeação de um batalhão do Exército, honrarias a Leonardo Castelo Branco e eventos diversos de sensibilização para a importância daqueles sucessos para a história do Brasil e de sua unidade histórica, geográfica e política.

Combate, batalha, guerra, lutas, epopeia: as nomeações diversas que marcam os diferentes momentos de interpretação dos episódios da independência ocorridos nos arredores de Campo Maior sinalizam para os ganhos em densidade histórica, política e simbólica de que vem se revestindo o evento, desde o seu acontecer e desde sua primeira descrição – a do juiz de paz da vila de Campo Maior dirigida à junta governativa de Oeiras.